

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Os leitores brasileiros que já conhecem os instigantes escritos medievais editados pelo Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” encontrarão neles a chave de um misterioso problema na vida de Joseph Ratzinger.

Como é possível que, antes de ser papa, fosse visto por alguns como o inquisidor, o feroz guardião da doutrina da Igreja Católica, o inflexível destruidor de esperanças, de carreiras e de pessoas, o “ogro” do século XXI, e, de repente, durante os anos em que foi Bento XVI até os tempos atuais, após a sua renúncia, todos, quer fossem católicos ou não, passassem a ver nele a amável e humilde pessoa, de muito boa cabeça, mas de melhor coração, que só deseja unir sua consciência à vontade de Deus e servir a todos, sem que a dor e o sacrifício o inibam nesta tarefa? Um homem querido por todos.

Que a primeira Encíclica de Bento XVI tratasse do amor - *Deus é Amor* - revela-nos qual foi desde sempre a sua principal preocupação. Para Joseph Ratzinger, de algum modo, Deus está em tudo: nos seres humanos, na natureza e em todos os acontecimentos; e Deus é Amor. A Ele estamos todos destinados, ao oceano do Amor, com maiúscula. Por isso fomos criados.

Segundo Joseph Ratzinger, Deus não é só o *Logos*, mas o *Logos Criador*, que cria por Amor aquilo que deseja por amor, após tê-lo pensado; tudo em um único instante eterno. Pensa, ama e cria. Joseph Ratzinger não só confirmou esta ideia de Deus, mas também a assumiu e procurou vivê-la com todas as suas forças, desde a sua juventude. Foi sempre um homem bom e generoso, gosta de servir e ajudar os outros, até mesmo aqueles que não pensam como ele.

Raimundo Lúlio poderia fornecer a chave para entendermos a mudança da imagem deste papa ancião?

Lúlio sempre pensou – e Joseph Ratzinger também – que tudo quanto os seres humanos fazem obedece ao que são, ao seu ser. Nossos atos de pensar, o entender e o amar dependem da bondade interior. Na obra *Félix, ou o Livro das maravilhas* escrevia: “quando o entendimento entende Deus, mas não O

ama, então o entendimento não terá um bom entender. O entender é mau na presença de um mau querer, e passa a ser bom por um bom querer”.

Em síntese, isto quer dizer que a imensa obra que Joseph Ratzinger deixará escrita é fruto mais de sua bondade, de seu amor a Deus, que da sua privilegiada inteligência. “Se não nos entendemos por palavras, entendamo-nos pelo amor”, escrevia Lúlio. Esta é a chave que desvenda o mistério.

A primeira imagem de Joseph Ratzinger foi inventada, não correspondia à realidade. E isso permitiu o que foi chamado acima de “misterioso problema”. Não convinha a alguns que um homem tão lúcido fosse amado pela multidão. Quando o coração das ideias incomoda, é preciso derrubar quem as pensa e espalha. Dito de outra maneira, é preciso que não se conheça a realidade da pessoa, ocultar seu coração para que não seja alcançado. Alcançar o coração de alguém é bem simples quando se conhece este alguém.

Da mesma maneira que hoje em dia se estudam autores de séculos passados – Aristóteles, que viveu 2.500 anos atrás, é o filósofo mais estudado nestes tempos de hoje – Joseph Ratzinger será lido sempre. É normal que autores tão fecundos e lúcidos sejam mais estudados ao longo dos séculos. Joseph Ratzinger deixará um corpo de doutrina imenso.

Sem desviar-se nem um pouco do magistério eclesiástico, Ratzinger escreveu sobre a Revelação e sua história, sobre as Sagradas Escrituras e a sua exegese, sobre Cristo, sobre a liturgia, sobre temas de fundamentação da moral, sobre o pecado e sobre a pequenez humana. Apontou os temas teológicos e filosóficos que merecem continuar sendo estudados e aprimorados: as relações entre fé e razão, o sentido da Revelação, o diálogo inter-religioso, a estrutura da Igreja e a política. Em filosofia, pediu uma melhor noção de substância e de pessoa. Abordou todos os temas com grande atualidade e consciência histórica.

Da chave que nos entregou Lúlio, decorre que o homem bom pensa bem. Por isso, a fortaleza na sua fé e no seu atuar, entre outras muitas virtudes, contribuiu para a sua extrema lucidez.

Além da obra escrita de Ratzinger, ficará daqui em diante o seu exemplo de vida. Enfrentou com paciência e valentia todas

as trapaças que a humanidade decaída deseja ocultar desde os tempos de Adão.

Tracey Rowland, teóloga e doutora em filosofia, e também professora de filosofia política e teologia no Instituto João Paulo II em Melbourne, explica detalhadamente neste livro, que ora apresentamos ao leitor brasileiro (com tradução direta do original em inglês), o ponto de vista de Joseph Ratzinger e o modo como ele se comportou nas diferentes funções de governo que assumiu ao longo de sua vida.

A autora termina sua rica exposição recordando uma citação que o próprio Joseph Ratzinger fez da obra intitulada *A Marcha Radetzky*, de Joseph Roth, uma versão da vida no império austro-húngaro no crepúsculo da glória da dinastia dos Habsburgos. Mais que qualquer outra citação, esta é, segundo Tracey Rowland, a que provavelmente revela, da forma mais certa, o coração daquilo que anima a teologia de Joseph Ratzinger:

A Igreja, ao identificar o pecado, já o está perdoando. Ela não admite a existência de seres humanos sem culpas: isto é o realmente humano na Igreja Romana. Deste modo, demonstra sua característica mais eminente: a de ser clemente e perdoar.

E é esta teologia, plasticamente registrada e resumida em forma literária neste trecho da *Marcha Radetzky*, que Tracey Rowland nos apresenta, com impressionante profundidade, nesta obra que o Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” tem a satisfação de oferecer ao público de língua portuguesa.

Esteve Jaulent